

## COM O ERNESTO, NAS DUNAS DE FÃO

por

Eugénio de Andrade

Com a primeira neve subíamos à serra da Lousã; mas todos os anos, quando tínhamos notícia de nevões na serra da Estrela, fazíamos a trouxa, e ala, que se faz tarde. Íamos pelo prazer da neve, nenhum de nós fazia esqui. Numa dessas ocasiões, ao jantar, deparámos com a sala do hotel forrada de aquarelas. «São de um pintor do Porto», informa-nos o empregado sorrindo. Eram paisagens de montanha, da Suíça, ou da Áustria, na opinião do meu amigo, muito viajado. No dia seguinte, ao pequeno-almoço, na sala quase deserta, entrou o pintor em traje desportivo, os esquis debaixo do braço. Ao sentar-se perto de nós, reparei que era pequeno e magro e com pouco cabelo, coisas pouco conformes, na minha ideia, vá lá saber-se porquê, aos desportos de inverno. Apresentou-se: Carlos Carneiro. Era realmente do Porto, gostava de esquiar, e pensava vender duas ou três aquarelas para pagar a conta do hotel. Anunciou-nos uma exposição próxima em Coimbra, ao saber onde vivíamos. Dois dias mais tarde, quando o meu amigo, que era excêntrico e rico, lhe comprou um quadro, a relação estreitou-se: seria seu convidado. Estávamos nos primeiros dias de 1946, e em Abril, o Carlos batia-nos à porta, com mais bagagem do que a Palmira Bastos em tournée pela província. Os trapos eram a sua fraqueza, os trapos e as fardas. A sua amizade pelo meu amigo converteu-se em adoração numa manhã em que este, depois de o ter ouvido falar com entusiasmo em avionetas e equitação, lhe fez presente de um fato de cabedal negro, em tudo igual ao dos polícias dos filmes de Cocteau, arrumado na cave, sem qualquer serventia, pois nem o meu amigo andava de moto, nem os ratos da casa gostavam de cabedal. O Carlos não resistiu: enfiou imediatamente o blusão, o carapuço e as luvas, num contentamento que transbordou para os auto-retratos à pena que fez por aqueles dias. Era um homem delicado, um pouco snob na sua atracção por Paris e pelas francesas, que pintava flores no rasto dos impressionistas — coisas que pouco me interessavam, na verdade. Naqueles dias em que se demorou na quinta fez

retratos de toda a gente, até do Miguel Torga, que num domingo de tarde apareceu lá por casa. Não foi um encontro feliz. O Torga falou-lhe com alguma brusquidão do retrato que lhe fizera, incapaz como fora de lhe captar o fundo do olhar; por sua vez, o Carlos não ocultou que detestara o que nos contara sobre a maneira como conseguira apanhar por tuta-e-meia umas cadeiras, onde o Eça costumava sentar-se, a uma velhota de Leiria — e não lhe ofereceu o retrato.

Mas eu devia ser mais generoso com o Carlos Carneiro — devo-lhe o conhecimento do Eduardo e do Ernesto Veiga de Oliveira. Ele era muito orgulhoso destes seus amigos, e com toda a razão. O Eduardo, que dispunha do seu tempo, veio quase de imediato passar uns dias à quinta; quanto ao irmão, só o conheci pouco depois, quando veio a Coimbra fazer uns exames. Telefonou-me e combinámos um almoço no Santa Cruz — vejo-me com ele, e apenas ele, numa mesa, não a comer, mas a ler-lhe *As Mãos e os Frutos*, já então muito adiantada. O Ernesto partiu ainda nesse dia, trabalhava numa Comissão Reguladora de Algodões, ou coisa assim, não podia demorar-se, mas ambos ficámos a saber, desde este primeiro encontro, que nunca mais nos separaríamos. Depois também o Eduardo abalou, com a promessa de férias na Barca do Lago, onde tinham casa. E foram chegando livros; do Eduardo, de poesia, muito abaixo de si próprio; de Safo, pela mão do Ernesto, numa tradução francesa, de que me falara com paixão, e citara três versos que particularmente o fascinavam:

*J'aime la magnificense. L'amour  
est pour moi la splendeur du soleil,  
et la beauté m'est échue en partage.*

E Agosto acabou por chegar. Depois de passar três ou quatro dias nas Acácias, em casa dos pais, fui com o Eduardo para a Barca. O Ernesto apareceria nos fins de semana e em Setembro viria passar todo o mês connosco. E não me lembro de férias tão felizes. O Ernesto passou aqui tanto da sua vida, e eu próprio frequentei tanto esta casa, que lhe devo algumas linhas. Talvez o melhor dela fosse aquele terraço sobre o rio. Havia um sobreiro enorme, além de pinheiros e abetos, e uma macieira perto do poço, oculto por arbustos altos — aquela macieira, que tanta vez vi florir, juro que nunca mais se apagou nos meus olhos. A casa ficava num dos extremos do terraço, fechado por muros baixos de um lado, o outro dava para outros terraços; ao fundo meia dúzia de casas, e o Cávado, com um barquito que nos levava à outra margem, em quatro ou cinco remadas. Também da janela do meu quarto se avistava, mal abria as persianas, aquele amplo corpo de água e o pequeno areal, antes de tudo se transformar em bosque. Os muros estavam cobertos de madressilva, que desciam

e afogavam o azul das hidrângeas. A casa era pequena, branca, de persianas verdes abrindo para o terraço. Em cima três quartos; em baixo a cozinha e uma sala ampla, com lareira, onde no Inverno as chamas aumentavam a nossa juventude. A Teresa vinha de manhã, arrumava a casa e adiantava o almoço antes de ir embora, porque nós, manhã cedo, partíamos de bicicleta para Fão. Naquelas areias, à beira daquele mar, começava o paraíso — um espaço sem fim de areia e água, com dunas altas, onde além de nós só havia gaivotas e algum sargaceiro distante. Se alguém quiser procurar o Ernesto terá de o fazer nesta praia, ao longo deste mar. Procurem-no entre os juncos e os cardos das dunas. Aqui passou dias e dias ao sol, os olhos perdidos nas páginas frementes do Lawrence, do Gide, do Whitman, do Frazer, só os levantando de vez em quando para olhar a franja de espuma ou chamar a nossa atenção para uma linha, um verso. Procurem-no aqui, e se não o encontrarem não o busquem noutra sítio, porque se não estiver neste areal então é porque se fez orvalho ou lágrima de longínqua estrela.

Depois do último banho regressávamos à Barca, já tarde, para almoçar. O Eduardo, mal comia, refugiava-se um bom par de horas no seu quarto para levar, como dizia, a cruz ao calvário: umas notas de diário sobre o que ia lendo ou vivendo. Tinha uma disciplina prussiana, ao contrário do Ernesto e de mim. De vez em quando caía o Carmo e a Trindade; nenhum de nós aceitava aquela rigidez, que ia desde a sobriedade na comida à modéstia do vestuário, impondo-nos um ascetismo que os meus vinte anos estavam ainda longe de perfilhar. O Ernesto dizia que estava de férias, a disciplina que fosse à merda; quanto a mim, tardaria muito a saber o que isso era. Enquanto ele trabalhava, nós, agarrados às partituras do *Don Giovanni* ou da *Turandot*, não parávamos de cantar, a não ser para rir. Porque eu passava grande parte do tempo a rir com as histórias; as imitações do Ernesto. Só me lembro doutra pessoa com quem tenha rido assim, a Maria Agustina. Com ambos sempre ri de felicidade. Enquanto fazíamos o jantar, a brincadeira continuava: o Ernesto descia as escadas apenas com uma colcha pelos ombros e um penacho na cabeça, parodiando Salomé, filha de Herodíade, Princesa da Judeia, enquanto eu, ao ouvi-lo pedir com tanta insistência a cabeça de João Baptista: — *Gib mir den Kopf des Jokanaan!* —, corria à cozinha, e sem coragem para cortar a cabeça ao Eduardo, tão parecido com o Precursor, lhe oferecia, num prato, um par de tomates. No meio das gargalhadas, ouve-se um grito do Eduardo: era a sopa, posta a aquecer, que transbordava da panela e já devia ter chegado ao chão... À noite, estendidos no terraço, o céu cheio de estrelas era infinitamente misericordioso, enquanto o cantar dos ralos subia mais alto do que a voz da Tebaldi no gravador. E, às vezes, um pequeno sapo aproximava-se para entrar num poema meu. Quem frequentou esta casa, o António Jorge, a Margot, o Thelen, o Manuel, o Benjamim, sabem como o céu destas

noites era necessário aos nossos dias — num céu assim Deus parecia ser verdade.

Da casa da Barca partiu o Ernesto para muitas das suas andanças. Algumas até comigo, mesmo antes de ter começado a trabalhar com o António Jorge — a S. Bartolomeu do Mar ver o banho santo na praia; a Santa Maria de Gallegos, por via da Rosa Ramalho; a Castro Laboreiro, pelo prestígio duma paisagem ainda do começo do mundo; e tudo isto nas férias daquele primeiro Verão passado na Barca. Mais tarde faríamos muitas outras viagens já com outro carácter: à Galiza, à Andaluzia, a Madrid, a terras de Basto, à Beira Baixa, e uma outra que durou quase todo um Verão, ou assim me parece, ao Alentejo, o Benjamim a conduzir o pachorrento Dois Cavalos por charnecas e povoados, à cata de flautas, adufes, violas campaniças — e um calor que abrasava, transformando o magríssimo gaspacho das refeições no mais delicioso dos manjares. Em Beja demorámo-nos no rasto de Mariana Alcoforado, cujas *Cartas*, que alguns lhe atribuíam, eu viria a traduzir, submetendo ao Ernesto cada parágrafo, pois nunca nenhuma outra opinião sobre o que fazia teve para mim a importância da sua. Nessa altura já eu residia no Porto e a família dos meus amigos havia mudado da Casa das Acácias para a da Pena. Era aos domingos que nos juntávamos, no Verão à sombra das tílias, no Inverno ao calor das estufas, pois sempre o Eduardo e o Ernesto viveram em casas imensas, confortáveis, cercadas por jardins em socalcos; por serem solteiros, moraram sempre com os pais, a quem nada faltava, para o dizer com palavras que são só uma aproximação, pois possivelmente seria mais exacto dizer: a quem tudo sobrava; mesmo quando o Ernesto, devido à criação do Centro de Antropologia, se deslocou para Oeiras, vinha sempre que podia refugiar-se na Pena. Ambas as casas eram espaçosas, como o era também a de Tecla, em Celorico, permitindo àquelas quatro almas — pai, mãe, os dois irmãos —, viverem com inteira independência, mesmo debaixo do mesmo tecto. Durante três ou quatro anos, quando vinha ao Norte em serviço, pois também eu entrara para a função pública, a minha casa era a deles. Foi então que reparei que, entre os dois irmãos e o pai, havia uma tensão sempre à beira da ruptura; com a mãe passava-se o contrário: ela era uma espécie de Nossa Senhora da Contemporização, sempre com o púcaro na mão para pôr água na fervura. Não se tratava somente do clássico conflito de gerações — os valores por que lutava cada uma das partes raramente eram coincidentes, e se por mero acaso coincidiam, tinham fundamentos diferentes, como todos gostavam de sublinhar. Homem culto, médico de prestígio, sobretudo na colónia inglesa, afinal o Dr. Vasco de Oliveira tinha em casa outro médico que se recusava a trabalhar com ele, refugiando-se nos livros e no piano (ganhava a vida miseravelmente numa fábrica, onde trabalhava três manhãs por semana), e um advogado que preferia um lugar modesto de funcionário público à advocacia

ou ao ensino universitário, para que fora convidado. Curiosamente, é o próprio Ernesto a falar dos aspectos culturais do pai, no *In Memoriam* que publicou, referindo entre eles um interesse pioneiro pela etnografia, num tempo em que o país «era ainda, de Norte a Sul, um campo aberto a todas as aventuras da paisagem, um museu natural e vivo de aspectos de cultura, de vida e de economia arcaicos e tradicionais, puros de intenções e interferências de conceitos turísticos e do utilitarismo industrial, na maior e mais espontânea variedade e diferenciação regionais». Se me alonguei na citação é porque neste escrito seu, e num outro sobre Rosa Ramalho, se pode saborear por inteiro a sua prosa (que eu conhecia bem de correspondência), de um apuro bem pouco frequente em gente de ciência — a prosa de alguém que não matara em si o poeta, no sentido que me importa, aquele que Rainer Maria Rilke definiu de uma vez por todas: *Era um poeta, odiava tudo o que não fosse exactidão.*

Quando o Ernesto me anunciou a sua intenção de abandonar os Algodões para trabalhar no Centro de Etnologia com o António Jorge Dias, procurei contagiá-lo do meu entusiasmo.

— Não hesites, Ernesto. Ao conhecimento vais juntar a paixão, e fazer coisas para que não há medida.

— És louco, menino! De qualquer modo, pela primeira vez vou trabalhar naquilo que gosto, o que não é pouco.

A vida a que aspirava, a conciliação da liberdade com aquele amor que tinha pelo país de que fala no referido *In Memoriam* (e a que consegui dar expressão em todas as linhas que escreveu com essa inteligência do coração, que é a única realmente criadora), começava depois dos quarenta anos, embora a sua preparação viesse de longe — daí que tudo o que fizera antes, advocacia, ensino, função pública, etc., tivesse um sabor tão amargo. Curiosamente, um dos homens mais cultos da cidade, um dos espíritos mais refinados em coisas de estética, era também o que mais próximo se encontrava da cultura material, e o mais sensível a tudo o que estava em vias de perecer, sem forças já para exprimir o que durante séculos fora a linguagem da nossa carne e da nossa alma. Era bonito ver o seu entusiasmo quando regressava do trabalho de campo com histórias que valiam as de Camilo José Cela, e objectos que conservavam ainda o calor das mãos que os haviam feito ou do lume antiquíssimo dos dias: um lenço bordado, uma corna pacientemente lavrada, uma máscara cerimonial, um jugo, um arado, um carro de bois — quase tudo salvo *in extremis*, pois o país que tanto amávamos estava a chegar ao fim, comprando tudo o que podia para o museu com que sonhava, com dinheiro do próprio bolso, que não era farto, como eu bem sabia, pois os fundos oficiais tardavam sempre a chegar, quando chegavam.

Os senhoritos que, nos seus gabinetes forrados a seda, decidem sobre o

que há-de ser ou não ser o país, não sabem da coragem, da fadiga, do desânimo, do heroísmo, do amor com que algumas almas — e não das mais insignificantes — trabalham, de norte a sul, nesta terra que está muitíssimo longe de ser propriedade deles. Os últimos anos do meu amigo foram gastos, não a investigar, como lhe competia, mas numa luta amarga, por suspeitar perdida, em secretarias de estado e ministérios, com essa fauna engravatada que faz as leis, «não para apoiar as realidades úteis, mas para as impedir de funcionar». O Ernesto, apesar de tanto se ter empenhado em dar corpo e alma a um sonho sonhado por muitos de nós, morreu sem ter conseguido impor a sua concepção de um autêntico Museu de Etnologia, aberto à investigação e ao fluir dos dias, que perpetuasse um rosto — o rosto do homem português.

*S. Lázaro, 19.04.90*